

Pensando em ilustrações de livros¹

Ricardo Azevedo²

Conta-se que Franz Kafka, o grande escritor checo de língua alemã, andou, certa ocasião, negociando com uma editora a publicação de seu texto *A metamorfose*. Um desenho de capa foi feito. A obra conta a história de Gregório Samsa, que certa manhã, vê-se na cama transformado num inseto. A partir disso, o ilustrador criou um desenho mostrando uma espécie de homem-inseto. Segundo a narrativa, ao ver a sugestão de capa, Kafka teria ficado furioso.

Fico imaginando o ilustrador chegando em casa com ar desanimado e sua mulher perguntando: “Tudo bem?” e ele: “Que nada! Apareceu o autor, um tal de Kafka. O cara deve ser meio doido. Escreveu sobre um homem transformado num inseto mas disse que o livro não podia ter o desenho de um homem transformado num inseto!”.

É dura a vida de um ilustrador.³

Antes do grande invento de Gutemberg, os livros eram produzidos artesanalmente, manuscritos e desenhados um por um. Imagine o leitor um livro de Botânica, repleto de árvores, flores, folhas, raízes e sementes de diferentes tipos. Para cada nova edição, era necessário copiar o texto à mão e desenhar literalmente tudo de novo. Principalmente considerando as imagens – embora isso também pudesse ocorrer com o textos – as cópias de cópias de cópias, feitas por diversos desenhistas, acabavam, com o passar do tempo, ficando muito diferentes das ilustrações da obra original. É que, além de eventuais falhas e lapsos, a personalidade, o estilo e os critérios de cada desenhista interferiam no trabalho. Carvalhos desenhados por fulano não pareciam com os desenhados por beltrano. Carvalhos copiados dos de beltrano ficavam mais diferentes ainda.

Em suma, um tratado de Botânica ou Zoologia, por exemplo, escrito na Grécia Antiga chegava, de cópia em cópia, na Idade Média irremediavelmente alterado⁴.

Fico imaginando o ilustrador medieval chegando em casa com ar desanimado e sua mulher perguntando: “Tudo bem?” e ele: “Que nada! Disseram que meus desenhos estavam errados, que as papoulas não são assim. Não entendo. Copiei igualzinho ao original que me deram!”.

Ocorre que, como vimos, de cópia em cópia, a papoula da última edição nada mais tinha a ver com a papoula do livro original.

Tento ressaltar que a transformação de um texto escrito em imagens pode ser algo complexo que nem sempre obedece a regras lógicas.

Uma frase cotidiana: “As ilustrações ficaram ótimas. Fulano foi fiel ao texto.”

O que significa exatamente ser “fiel ao texto” ?

Um editor tem certo texto na mão. Convida um ilustrador para criar as imagens. O ilustrador, por qualquer razão, não pode pegar o trabalho. O editor procura outro

¹ Texto revisto e ampliado de artigo publicado em ALVES, Maria Leila (org.) *Linguagem e linguagens*. Série Idéias 17. São Paulo, Fundação Para o Desenvolvimento do Ensino – FDE, 1993, p.45-48.

² Escritor e ilustrador

³ Não sei se a história é verdadeira mas, para o desenvolvimento deste artigo, isso não tem importância.

⁴ Sobre o assunto c.f. IVINS JR., W.M. *Análisis de la imagen prefotográfica* Trad. Justo G. Beramendi. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, 1975

profissional. Este utilizará a mesma linguagem ou terá as mesmas soluções visuais que o primeiro teria? Obviamente, não!

Um editor afirma: “Tal texto nasceu para ser ilustrado por fulano.”

Outro editor diria o mesmo?

Miguel de Cervantes publicou a primeira parte de seu maravilhoso Dom Quixote em 1605. Em termos de ilustração, o livro só apresentava a capa e uma ou outra vinheta. Desde então, foram lançadas inúmeras publicações dessa grande obra. Uma delas, foi produzida no século XIX e ilustrada pelo notável Gustave Doré. Hoje, é difícil dissociar as imagens do Cavaleiro da Triste Figura e seu fiel escudeiro, criadas por Cervantes, dos desenhos e climas criados por Doré. Pergunto: Cervantes aprovaria tais desenhos feitos trezentos anos depois da criação de sua obra? Doré foi fiel ao texto?

O que significa ser “fiel ao texto” ?

Essa idéia aparece muitas vezes misturada com a noção de que todo e qualquer texto possui uma única e determinada interpretação, um clima certo e exato e uma verdade objetiva. Caberia ao ilustrador simplesmente descobri-la e transmiti-la através de imagens.

Será verdade isso? Creio que não. O ilustrador é um artista que, no máximo, dá a sua interpretação visual a determinado texto, o que não é pouco!

Uma coisa é certa: todo ilustrador, em princípio, interfere no significado do texto. A razão é simples: palavras tendem a ser imprecisas. Palavras são entidades abstratas e virtuais que se realizam ou se atualizam dentro de consciências. O texto diz: “a moça bonita”. O autor pensou numa moça. O leitor, noutra moça. O ilustrador, noutra. Outro ilustrador, noutra ainda.

Em tese, palavras possibilitam várias leituras. A rigor, tantas leituras quanto o número de leitores. Um mesmo texto pode ser lido racionalmente por um e emocionalmente por outro. Despertará em diferentes leitores, diferentes sensações e interpretações. Isso sem falar na influência de diferentes modelos culturais.

Pode ocorrer, por exemplo, que um ilustrador seja tão subjetivo que sua leitura se afaste demasiadamente de uma certa visão consensual (portanto superficial e vaga) do texto. Isso pode ser ruim. Isso pode ser ótimo. Vai depender da premissa, da expectativa que havia sido estabelecida para aquele trabalho.

Dizer qual o melhor caminho visual a ser adotado diante de um texto significa dizer qual é o melhor a partir de uma determinada premissa. Mude-se essa expectativa e novos caminhos surgirão.

Textos didáticos pretendem ensinar e transmitir informações de forma objetiva. Por essa razão, sua linguagem costuma ser neutra, precisa e impessoal, de modo a dar a menor margem possível a interpretações. Livros didáticos pretendem que todos os leitores cheguem à uma mesma e única conclusão.

Trata-se de uma premissa e de uma expectativa. Caso o livro seja ilustrado, o ilustrador deve tentar segui-las.

Na obra literária as premissas e expectativas são outras. O comprometimento é com a ficção e com a poesia. O texto pode se dar ao luxo de ser ambíguo, emocional, introspectivo, subjetivo e arbitrário. Pode ser simbólico ou mágico. Se quiser, cria palavras. Se quiser, inventa um mundo inexistente ou aborda o impossível.

Era uma casa muito engraçada/ não tinha teto/ não tinha nada...

Diante de um texto assim, o ilustrador erra sempre.

Erra, pois precisa transformar em imagens, cenas abstratas, feitas no ar através de palavras e cheias, portanto, de possibilidades significativas. Cabe ao ilustrador definir, tomar um partido, descer do muro das possibilidades e optar.

Essa é a desgraça do ilustrador de ficção e poesia. Essa é sua maravilha.

Quando constrói sua visão sobre determinado texto, o ilustrador revela toda sua criatividade, sua cultura, sua técnica, seu corpo de idéias e sua visão de mundo, oferecendo ao leitor a riqueza de seu imaginário.

Kafka tinha razão ao considerar que a imagem de um homem-inseto era inadequada para ilustrar seu texto. Na tentativa de ser “fiel ao texto”, o hipotético ilustrador confundiu textos didáticos com textos de ficção e fez uma leitura literal e objetiva de um texto plurissignificativo e subjetivo. Em outras palavras, tomou ao pé da letra um texto simbólico que poderia ser lido, concomitantemente, do ponto de vista existencial, psicológico, filosófico, sociológico, metafísico e político. Tudo isso, repito, ao mesmo tempo! Tal capacidade de síntese e aglutinação, como sabemos, costuma caracterizar e distinguir as grandes obras da literatura. Eis porque são consideradas polissêmicas.

Caso aprovasse a referida capa, Kafka estaria endossando uma leitura unilateral, redutiva e mediocre de seu próprio texto.

Em princípio, no caso da ficção e da poesia, quanto menos literal e objetiva for a leitura do ilustrador, mais próxima ela estará de uma visão coerente e adequada da obra.

Tomar um texto ao pé da letra!

Isso pode nos remeter ao universo da literatura infantil.

Muitos acreditam que ilustrações de livros para crianças devem ser literais, seguir o texto o máximo possível ou, como nos livros didáticos, procurar ser objetivas e tomar as coisas ao pé da letra.

Acredita-se também que, num livro para crianças, deve haver uma sincronia rígida, mecânica e lógica entre texto e imagem. Em outras palavras, que a ilustração deve estar sempre junta do texto que pretende ilustrar.

São visões equívocas.

Suponhamos um texto cuja história se passa predominantemente dentro de uma casa e que sua personagem esteja, por qualquer razão, passando por momentos tristes ou difíceis. Uma ilustração simbólica mostrando a personagem caminhando sozinha, à noite, numa rua deserta, segundo a visão literal, não serviria (confunde as crianças) pois não corresponderia à leitura objetiva sugerida pelo texto.

Outro exemplo: em certo texto, a personagem traja determinada roupa. Após caracterizá-la conforme o texto, o ilustrador, numa cena que se passa noutro dia, resolve mudar sua vestimenta. Seria inaceitável (confunde as crianças), segundo a mesma visão.

O texto descreve a moça como muito bonita. O ilustrador desenha o quarto da moça, sua orelha, sua boca, seus pés, seus olhos e sua sombra na parede, mas nunca seu rosto inteiro ou mesmo uma visão mais abrangente do seu corpo. “Mas, e a moça bonita da história?”, perguntaria um adepto da visão literal. “Desse jeito, não vai confundir a criança?”

Um último exemplo: ocorreu uma cena dramática no texto. O ilustrador opta por mostrá-la não na página em que está narrada, mas nas duas seguintes, retardando assim, para o leitor, o surgimento da cena e, portanto, interferindo diretamente no ritmo da

leitura e da própria narrativa. Para muitos, mais uma vez, isso seria um atentado (confunde as crianças) à sincronia.

Mas como acreditar que tais procedimentos possam confundir crianças – refiro-me às que já dominaram a leitura (oito anos) – se no tempo em que a gente vive a mesmas têm acesso a sistemas narrativos complexos muito antes de serem alfabetizadas?

Nem conhecem o beabá e já estão habituadas, através da televisão e do cinema, a acompanhar histórias onde várias narrativas se entrecruzam. Sabem que, como na vida, personagens podem trocar de roupa sem correr o risco de perder a identidade. Entendem que, mesmo de forma imprevista e não descrita no texto, uma mosca pode pousar numa personagem. Ou que, por vezes, o discurso pode ser simbólico. Ou que, além da trajetória da personagem, existem outras trajetórias, pessoas e vidas. Percebem quando a câmera está narrando e quando a câmera é um personagem (refiro-me a focos narrativos). Podem não saber seus nomes, mas reconhecem procedimentos como a metáfora e a metonímia, a analepse (ou *flash back*: relatar eventos anteriores ao narrado), a paralepse (dar mais informação do que o texto deu), a paralipse (dar menos informação do que o texto deu), a metalepse (trazer novos planos narrativos ou criar diálogo entre diferentes planos narrativos) e a anacronia (alterar a ordem dos eventos), entre outros.

Para essas crianças – repito, as já com domínio da leitura, o que ocorre lá pelos 8 anos de idade –, um livro de ficção e poesia não precisa trazer ilustrações que, a pretexto de buscar uma inexistente “fidelidade ao texto”, só consigam ser óbvias, redutoras e previsíveis.

Para tais leitores, a meu ver, o que se espera são imagens enriquecedoras e inesperadas que, somadas ao texto, consigam ampliar ao máximo o universo de significação do livro como um todo.